

A inserção do palhaço no ambiente hospitalar: experiências de um projeto de extensão

The clown in the hospital environment: the experiences of an extension project

RESUMO

O projeto de extensão “Unidade de Palhaçada Intensiva” trabalha, de forma interdisciplinar, o fenômeno do adoecimento e da internação hospitalar, propondo a humanização dos serviços de saúde por meio da atuação do *clown*. O projeto conta com discentes de diversos cursos que fazem formação de 48 horas em técnicas de *clown* e atuam em três hospitais públicos do Vale do São Francisco. Após as atuações, é publicado um diário de bordo no blog do projeto, de forma que as frequências são contabilizadas e as experiências compartilhadas. O *clown*, que se traduz por palhaço, significa torpe, rude e, com aspectos ingênuos, faz o público rir, diferente do palhaço circense, que ensaia e apresenta um espetáculo. Ele interage com usuários e cuidadores, sejam profissionais ou acompanhantes, e possibilita um ambiente acolhedor e empoderador ao sujeito que está internado e afastado de autonomia pessoal, colaborando com os princípios da Política Nacional de Humanização.

Palavras-chave: Projeto de extensão. Humanização da assistência. Terapia do riso.

Daniel Dias Cruz

Graduando em Enfermagem na Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco; voluntário no projeto “Unidade de Palhaçada Intensiva” (danieldcruz@hotmail.com).

ABSTRACT

The extension project “Intensive Clowning Unit” (Unidade de Palhaçada Intensiva) aims to approach the phenomenon of illness and hospitalization in an interdisciplinary way, proposing the humanization of health services through clown performances. The project includes students of different undergraduate degrees who participate in a 48 hours training in clown techniques and work in three public hospitals of the Vale do São Francisco. After the performances, a logbook is published on the project’s blog so that the frequencies can be recorded and the experiences can be shared. The clown is supposed to be obscene, rude and with naïve aspects that make the audience laugh, unlike the circus clown who rehearses and presents a show. The clown interacts with users and carers, whether

professionals or caregivers, and provides a welcoming and empowering environment to the person who is hospitalized and away from personal autonomy, collaborating with the principles of the National Policy of Humanization.

Keywords: Extension project. Humanization of healthcare. Laughter therapy.

INTRODUÇÃO

O projeto “Unidade de Palhaçada Intensiva” (UPI) é um projeto de extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e visa à humanização na saúde por meio da inserção do *clown* no ambiente hospitalar e da sua interação com os usuários, acompanhantes e profissionais dos serviços de saúde. A UPI conta com discentes de diferentes cursos de saúde, como Enfermagem, Medicina, Psicologia e Ciências Farmacêuticas, e propõe um espaço de troca de experiências e conhecimentos sobre o fenômeno do adoecimento humano e da internação hospitalar.

O hospital é um ambiente paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que é visto como um local de cura, ele carrega um estigma de dor e sofrimento. A experiência de uma internação destitui os usuários de seus papéis sociais, além de colocá-los em uma posição de dependência limitada em relação ao espaço e à rotina (TAKAHAGUI et al., 2014). Somado a isso, a formação profissional dos sujeitos que trabalham no hospital, por vezes, prioriza o modelo biomédico – com foco no adoecimento e na leitura de valores laboratoriais – que contribui para a desumanização na relação profissional-paciente (TAKAHAGUI et al., 2014).

A figura do palhaço no hospital surgiu pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1986, em uma ala cardiológica pediátrica, com Michael Christensen e suas paródias sobre a rotina dos médicos (TAKAHAGUI et al., 2014). A palavra “palhaço” tem raiz etimológica em *paglia* (palha), material usado no preenchimento de sua roupa, indumentária que faz dele um personagem cômico. Já a palavra *clown* tem origem inglesa e, embora se traduza por “palhaço”, significa torpe, ingênuo e rude, um indivíduo desajeitado que fracassa e, por meio do fracasso, motiva o riso espontâneo e natural (MATRACA; WIMMER; JORGE,

2011). O *clown* é o ser que aprende a jogar com o dia-a-dia e traz à tona aspectos de beleza e comportamentos que a sociedade busca esconder. Para tanto, diversos processos são envolvidos.

Para construir um *clown*, é necessário construir uma inteligência corporal que consiga “andar” pelas metamorfoses de um corpo, abrir-se aos estímulos externos sem responder mecanicamente, saltar da tristeza para alegria sem ser barrado pelos imprevistos, mas fazer deles ferramentas de jogo (KASPER, 2009). Nesse texto, utiliza-se a palavra “palhaço” como hiperônimo, para facilitar a compreensão do leitor, embora saliente-se que a UPI trabalha com a formação de *clowns*.

A UPI possibilita a construção de conhecimento de forma diferente do tradicional padrão universitário: como não existe busca pela perfeição ou disputa de maior *score* de notas, o dia-a-dia deixa de ser um cotidiano competitivo para tornar-se uma oportunidade de construção do *clown*, ampliando ridículos que em outros ambientes busca-se esconder.

No ambiente acadêmico, os projetos de extensão são uma alternativa para a construção de conhecimento com interação da universidade com a sociedade, além disso, as atividades de extensão proporcionam um envolvimento afetivo dos discentes com os usuários que perpassa o conhecimento técnico e distante, facilitando o entendimento do que seria o cuidado integral em saúde (LEITE et al., 2014). Nesse sentido, a UPI aproxima, de maneira lúdica, os discentes de seus campos de atuação profissional, tornando o ambiente hospitalar menos hostil, promovendo o bem-estar e a melhor interação entre os usuários dos serviços e seus cuidadores, sejam profissionais ou acompanhantes.

O bem-estar proposto pelo compartilhamento de experiências no campo da saúde, como faz a UPI, potencializa a virtudes humanas e, de forma gradual, supera o modelo assistencial biomédico (MATRACA; WIMMER; JORGE, 2011). A palhaçoterapia supera barreiras e estimula a capacidade de reflexão, embora ainda haja uma produção científica pequena e que, na maioria das vezes, contempla apenas a atuação do palhaço em hospitais infantis (MATRACA; WIMMER; JORGE, 2011), (TAKAHAGUI et al., 2014).

Embora subjetivos, os resultados obtidos pela palhaçoterapia incluem melhor interação entre os binômios funcionário-usuário e usuário-

usuário e distração da rotina hospitalar, alegrando o ambiente e quebrando a rotina formal do hospital, não apenas pela entrada do palhaço no serviço, mas pela atuação com os que se mostram disponíveis e pela possibilidade de recusa do usuário, o que aumenta sua autonomia. O uso do lúdico é uma ferramenta para promover a afetividade e tornar o momento de estadia no hospital mais feliz.

Assim, este texto tem como objetivos: a) relatar a experiência de como o projeto de extensão “Unidade de Palhaçada Intensiva” tem ressignificado a formação dos discentes dos cursos de saúde da UNIVASF, contribuindo para humanizar os hospitais do Vale do São Francisco, por meio da inserção do *clown* nesse ambiente; b) aumentar a produção científica sobre a arte clownesca e sua importância no momento de internação hospitalar, sendo uma ferramenta de auxílio para o cuidado integral dos pacientes.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre a atuação da UPI nos hospitais do Vale do São Francisco e seu funcionamento como projeto de extensão universitária. Os discentes entram no projeto por meio de seleção, que se dá em três etapas: uma carta de intenção, uma entrevista e um dia de vivência. Após isso, os selecionados passam por uma formação de 48 horas em iniciação de técnicas de *clown* e, a partir disso, começam a atuar em pequenos grupos em três hospitais da região, o Hospital Universitário, na cidade de Petrolina-PE, e dois hospitais materno-infantis, um em Petrolina-PE e outro em Juazeiro-BA, todos pertencentes ao Sistema Único de Saúde.

Os discentes fazem atuações semanais nos hospitais e, depois, publicam um diário de bordo no blog¹ do projeto. Essa é a forma com que as frequências são contabilizadas, além disso, os diários permitem compartilhar as experiências das atuações com qualquer pessoa que acesse o blog, contribuindo para divulgar as atividades do projeto e as experiências pessoais de cada integrante. Quinzenalmente, o grupo completo se reúne na universidade e discute temas acerca da humanização e sobre as atuações. Semestralmente os discentes fazem aprofundamento em técnicas de *clown*.

RESULTADOS

A humanização em saúde tem se tornado “alvo” de vários projetos, políticas e propostas, mas a pergunta norteadora por vezes fica sem resposta. Como humanizar as relações humanas? Para isso, é necessário entender o que significa humanização. No sentido amplo da palavra, humanizar significa entender a pessoa como autor de sua própria história, possibilitando um espaço em que o sujeito possa viver de forma autônoma, com respeito e dignidade humana (SEOANE; FORTES, 2014). Nesse cenário, a figura do *clown* aparece como empoderadora, pois, sendo a própria piada, ele cria um espaço de empatia e promove um encontro afetivo em um lugar que geralmente é estranho aos usuários. Além disso, por não haver obrigatoriedade do usuário em receber o palhaço e podendo ele dispensar sua visita, o *clown* se torna uma ferramenta de promoção da autonomia para os sujeitos que se encontravam passivos da rotina hospitalar.

A Política Nacional de Humanização (PNH) surgiu em 2003 e, entre seus princípios e diretrizes, incluem-se o protagonismo dos sujeitos, o estabelecimento de vínculos afetivos, uma ambiência e um acolhimento adequados (BRASIL, 2013); (TAKAHAGUI et al., 2014). A UPI humaniza, pois propõe um espaço de escuta e acolhimento livre de julgamentos ou pré-requisitos. Todas as pessoas que estão no hospital podem jogar com os palhaços, basta mostrar-se disponível, o que corrobora com a PNH, quando ela afirma que todo cidadão pode decidir sobre compartilhar ou não sua dor e alegria com o meio social (BRASIL, 2013).

As atuações da UPI são marcadas por respeito à singularidade da pessoa. Antes de entrar nos quartos, pede-se autorização das pessoas que lá estão, o que não precisa ser um pedido formal ou oral, mas um encontro pelo olhar. Percebendo abertura dos usuários, os palhaços entram no espaço físico e emocional das pessoas e começam a jogar com base no improviso e nas ferramentas encontradas no local (um soro, uma cadeira de rodas etc.). Tudo se torna ferramenta de jogo. O fato de o paciente estar dormindo ou acordado já pode motivar um jogo, que sempre tem duas premissas básicas: “branco vazio” e “palhaço pronto é palhaço morto”, dessa forma, os membros do projeto são instruídos a ampliar as possibilidades do corpo, do comportamento humano e da rotina de vida, sem medo de errar, sem treinar jogos ou

brincadeiras antecipadamente, entregando-se ao momento e fazendo do encontro com o outro algo prazeroso, afetivamente prazeroso.

² Durante o processo de formação do *clown*, a obra *O pequeno príncipe*, de Saint-Exupéry, é uma bibliografia obrigatória recomendada pelo professor da formação.

Figura 1 - Discentes em atuação da UPI, julho de 2015.



Fonte: Acervo pessoal (2015).

Esse ponto da afetividade não surge como uma obrigação ou com o papel do palhaço durante as atuações. O papel do palhaço é a busca pelo verdadeiro encontro, é deixar-se disponível ao outro e acolher aquela pessoa a sua frente e sua história de vida, a partir da abertura dada por ela. Portanto, o afeto envolvido é resultado do encontro, pois “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (EXÚPERY, 1944. p 70)².

A UPI ensina, dentro da universidade e a partir da interação com os serviços fora dela, que o caminho é mais importante que a chegada e que, depois do erro, não há nada, o que destoa dos ensinamentos comuns que sempre prezam pelos altos rendimentos e resultados. O *clown* cativa os usuários dos serviços de saúde e ajuda a promover a interação entre eles (muitas vezes, que as pessoas não sabem o nome do colega que está internado na cama ao lado). A presença do palhaço também pode afugentar comportamentos agressivos dos profissionais para com os usuários, visto que, como o *clown* “não depende” daqueles serviços hospitalares, ele não está refém da hierarquia profissional.

O palhaço caminha entre os mundos do imaginário e do cotidiano, seu jeito de “bobo” faz com que ele possa revelar o ambiente opressor pelo riso (MATRACA; WIMMER; JORGE, 2011). Os discentes de saúde que se tornam palhaços passam a entender o ser humano de forma

mais ampla, menos tecnicista e mais afetiva, buscando, futuramente, ser um profissional comprometido com o cuidado integral, com a humanização de seu atendimento e com o respeito ao colega. O aprendizado vem de forma lúdica e cativante. “Que quer dizer, cativar”? É algo quase sempre esquecido, [...] ‘significa criar laços’” (EXUPÉRY, 1944. p 66). Esse aprendizado é compartilhado por outras universidades que trabalham com atividades de palhaçoterapia e também utilizam blogs e sites para descreverem suas experiências, a exemplo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com o “Projeto Encontros e Risos Terapêuticos” (PERTO)³, e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com o projeto “PalhaSUS”⁴.

³ <http://pertoufpe.blogspot.com.br/p/perto.html>.

⁴ <http://www.palhasus.com>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UPI é um projeto importante dentro da universidade e torna-se um espaço singular para construção do conhecimento, cumprindo com seu papel de atividade de extensão.

A figura do palhaço para os membros da UPI deixou de ser aquele caricato que vive fazendo piadas com a obrigação de fazer o público rir para tornar-se a própria piada, fazendo-se de ridículo, em termos de padrões de beleza e comportamento, e abrindo a porta para o contato e o encontro, visto que para interagir com o palhaço não é preciso tons formais. O projeto humaniza por meio do encontro e da interação com o outro, deixando um espaço livre para qualquer experiência que possa ocorrer da liberdade dada pela pessoa que recebe a visita.

A UPI proporciona, ainda, a interação e o diálogo entre diversas áreas do conhecimento, o que contribui para formar profissionais cada vez mais de acordo com os eixos norteadores do Sistema Único de Saúde, excluindo a falsa ideia de que uma profissão detentora do conhecimento ou superior a outras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional de Humanização**. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília-DF, 2013. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_

humanizacao_pnh_folheto.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2015.

EXUPÉRY, A. S. de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: AGIR, 2009. 96p.

KASPER, K. M. O que pode um corpo? **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 199-213, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a13>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

LEITE, M. F. et al. Extensão popular na formação profissional em saúde para o SUS: refletindo uma experiência. **Interface Comunicação Saúde Educação**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1569-1577, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1569.pdf>> Acesso em: 3 ago. 2015.

MATRACA, M. V. C.; WIMMER, G.; JORGE, T. C. A. de. Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n.10, p. 4127-4138, out. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n10/a18v16n10.pdf>> Acesso em: 3 ago. 2015.

PIRES, C. G. S. et al. Unidade de Palhaçada Intensiva: a palhaçoterapia no Vale do São Francisco. **Extramuros**, Petrolina, v. 3, n. 1, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/viewFile/699/418>> Acesso em: 3 ago. 2015.

TAKAHAGUI, F. M. et al. MadAlegria: estudantes de medicina atuando como doutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 120-126, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v38n1/16.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

SEOANE, A. F.; FORTES, P. A. C. de. Percepção de médicos e enfermeiros de unidades de assistência médica ambulatorial sobre humanização nos serviços de saúde. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1408-1416, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n4/0104-1290-sausoc-23-4-1408.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

Submetido em 3 de agosto de 2015.

Aprovado em 5 de setembro de 2015.